

Este é um livro muito diferente dos demais que João Antônio já publicou. Para começar, como ele próprio declara, "não há aqui uma palavra minha". E o caráter extremamente inventivo deste trabalho começa a se revelar por aí. *Calvário e Porres* é tão João Antônio quanto *Leão de Chacara*, e a rigor só o título é dele. A invenção aqui contémida é a de uma forma absolutamente inédita de psicografia, não aquela escrita e cheta de mansuetude de um Chico Xavier, mas uma psicografia espiritual e possessa, resultado da fina comunicação entre duas mentes em quarentena num hospital psiquiátrico.

Foi no sanatório da Muda, em 1970, que um homem tido como louco, Carlos Alberto Nóbrega da Cunha, um professor, ditou a João Antônio os termos de uma lucida e desorganizada reflexão sobre a vida e a obra de um grande artista, nosso escritor mulato, o homem das pruzundangas, Afonso Henriques de Lima Barreto.

Lima Barreto sempre foi o grande ídolo do João Antônio, uma espécie de "pai espiritual literário" do autor de *Casa de Loucos*. Basta ler um e outro para descobrir onde a identidade. Em primeiro lugar na condigão total de urbano e brasileiro. E Lima Barreto, se nunca passou para o papel a teoria de uma literatura corpo-a-corpo com a vida — como o fez João Antônio —, nunca passou pelo *décor* da prazerosa e indecorosa ação da superestrutura, mas descartando pedago a pedagoga patética condigão de vida da infra-es-

O D. B. K.

Sck-Mu - SKr

Bolsas - Bases - Nóbrega